

Título do Trabalho:

Um Conto de Fadas na Comunicação Intergovernamental

(Análise do veículo de comunicação *Economic Outlook*, da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento, OCED)¹

Luiz Roberto Alves

Cátedra de Gestão de Cidades da FCA - UMESP e Escola de Comunicações e Artes da USP.
Atualmente Pesquisador Visitante na Universidade de Florença, com apoio do CNPq.

Sílvia Gattai

Professora da Faculdade de Ciências Administrativas da Universidade Metodista de São Paulo e Pesquisadora da Cátedra de Gestão de Cidades da UMESP.

2007

Resumo

O presente estudo busca analisar e interpretar um fenômeno emblemático do atual processo de comunicação intergovernamental. Ao centrar-se no veículo privilegiado de comunicação, chamado *Economic Outlook*, publicado pela assessoria econômica respeitada pelos principais países do mundo, inclusive pelo Brasil, o trabalho revela sentidos dos discursos da OCED, Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento. No correr da análise, surge um pensamento técnico-científico auto-explicativo e que, portanto, torna-se autônomo da gestão da *res publica* dos países, subordina os demais saberes sociais, atropela quaisquer mediações e se instaura como mitologia do novo saber capitalista. O trabalho é dedicado à obra de Roland Barthes, *Mitologias*, 50 anos depois de suas revelações sobre a potência dos mitos da indústria comunicativo-cultural.

Palavras-chave: comunicação econômica, gestão social, ficção, crise de mediações.

I. Introdução e destaque do caso-problema

¹ Trabalho encaminhado ao GT Abrapcorp 6 – Comunicação pública, governamental e política

Este trabalho não pretende ser exaustivo, mas ser capaz de descrever, com alguma narratividade, um caso de comunicação econômica intergovernamental. Ao fazê-lo, encontra no interior do caso os sentidos originais desse gênero literário-científico. Quer seja predominantemente narrado, com destaque sobre o movimento de personagens, quer descrito, e aí se amplia o caráter e a posição dos atores, o caso se dirige sempre à exemplaridade. Não como verdade universal, mas como fulcro de fenômenos sociais, imaginários ou vividos, cuja narratividade abre amplos espaços para a pesquisa posterior, ou para o deleite dos ouvintes e leitores. Visto que não comporta hipóteses, embora não negue tendências do observador ou intérprete, o caso exige leituras recorrentes e acompanhamento crítico a fim de que o ponto final em sua narratividade seja o início de outras leituras e novas críticas. Sua análise comporta as visões histórica e estrutural. As velhas narrativas teológicas e filosóficas foram os motivos e motores dessa estimulante criação literário-científica, sejam os textos platônicos, sejam os do gênesis bíblico. Com base nelas criou-se toda a estrutura dicotômica de narrativas ficcionais e narrativas científicas, notadamente a partir do Iluminismo do século XVIII. Nos últimos 120 anos, as escolas européias denominadas Formalismo e Estruturalismo levaram o seu estudo ao rigor máximo da dinâmica entre paradigmas e sintagmas, isto é, blocos verticais de sentido e expansão horizontal de situações. O acúmulo de sintagmas - frases e períodos, ou motivos narrativos - leva à formação de paradigmas, idéias estruturadoras, blocos de significação. Tal teoria evidentemente se aplica tanto às narrativas ficcionais, inclusive midiáticas, quanto às científicas. De fato, essas escolas encontraram os casos no interior das inúmeras narrativas de exemplaridade, via de regra como instâncias de motivos da vida cotidiana e da imaginação humanas.ⁱ Na esteira dessa teorização, o Funcionalismo norte-americano criou memoráveis compêndios de relatos, de casos da memória humana.ⁱⁱ Não é de estranhar, pois, que a produção científica estrutural-funcionalista da economia e da administração tenha empenho especial em trabalhar com casos, em relatar casos de sucesso. A Antropologia, a Psicoterapia e a Gestão das Organizações apropriaram-se fartamente desses fundamentos. Deste modo, o movimento da inteligência que vai da Filosofia à Economia e às Ciências Sociais Aplicadas encontra no caso o lugar adequado para o intercâmbio entre as teorias e sua aplicabilidade social. Salvo o conhecido risco, bem conhecido dos pesquisadores, de o caso se travestir em receita e exemplo reproduzíveis, os casos trabalhados nas Ciências Sociais Aplicadas sugerem a memória de sua origem: trata-se de exemplaridades dinâmicas e mutantes. Têm regras, especialmente em sua tipologia, mas tais normas são flexíveis. Podem radicalizar um fenômeno, mas não o mitificam, pois o mantêm aberto. Têm início, meio e fim, mas não são uma totalidade; ao contrário, participam das gestões mediadas por negociação,

conflito, tomada de decisão, implementação e processo avaliatório, fundamentos de uma ciência aplicada. O caso assim tratado, constituinte da narrativa social, política, econômica ou administrativa, midiático ou não, fica claramente do lado do *logos* e não do *mythos*, visto que estimula a ocorrência de explicações, demonstrações, comparações, agregações de dados que levem a novos discursos e descobertas.ⁱⁱⁱ Para BARTHES (edição brasileira de 1972) o mito moderno se aproveita da história, faz-se história, puxa para si toda a significação de uma história e se organiza como forma totalizadora. O mito deforma a história, pois a naturaliza. O caso, como qualquer narrativa, pode ser aprisionado pelo mito a favor de certa ideologia, notadamente depois que se autonomiza da visão crítica e se cristaliza num suposto *consenso*. No entanto, para muitos o caso mitificado parecerá história verdadeira, *naturalmente...* Por isso, a fotografia de um jovem soldado argelino a reverenciar a bandeira francesa ainda nos anos 60 é construção mítica, como também o é o sorriso do jovem de 2007 diante do primeiro precário emprego. Em conseqüência, se uma narrativa pretensamente científica construir em torno de si um olhar totalizador, exemplar e que não aceita o contraditório e a mudança, estaremos diante de um caso mitificado. Esse é o gênero comunicacional aqui tratado. Portanto, a primeira constatação, de ordem metodológica, é que o ensino de ciências sociais aplicadas pode preencher o horizonte dos estudantes com mitos, estruturas totalitárias, quando pretensamente se oferecem casos à consideração, exemplos para o trabalho argumentativo em sala de aula ou em debates.

Na análise dos discursos da OCED, órgão assessor de dezenas de países e responsável pelas análises de conjuntura, bem como pelas referências que garantam os acordos firmados pelos países membros da União Européia e outros blocos da sociedade globalizada, o que se encontra é um caso econômico fechado às mediações do fazer político-administrativo. Noutras palavras, os países devem aplicar as fórmulas do neoliberalismo, bem conhecidas, sem maior discussão, ou referendo, das populações. Essas mediações entre as fórmulas econômicas e a realidade vivida, que aqui se busca discutir, compõem uma pedagogia dos conflitos e um conjunto de decisões capazes de equilibrar as diferenças entre liberalismo e bem-estar social. Apresentar o pretenso caso e estimular a discussão das mediações constituem o objetivo deste trabalho.

II. Materiais e Métodos

O método já enunciado, que trabalha o caso a partir de suas premissas lingüísticas e perfaz o círculo de informações entre a narrativa intergovernamental e a vivência das populações, o discurso e suas referências sociais, tem como objeto o trabalho dos *experts* em economistas da OCED, que assessoram a gestão, por exemplo, da União Européia no cumprimento de seus acordos, dentre os quais o de Maastrich é etapa convergente^{iv}. Este trabalho não questiona o mérito das estatísticas e o estudo de conjuntura realizados pelo órgão citado, visto que é evidente a aceitação da OCED como relevante, como referência. Trata-se de ver como as narrativas econômicas da Organização, hoje de âmbito global, constroem sentidos para a gestão dos países e qual o caráter que essas narrativas vão tomando na medida em que redundam e se cristalizam como fórmula discursiva. Evidentemente, o acompanhamento do caso respeita os objetivos da própria instituição, que se apresenta como uma "decifradora de motivos emergentes e identificadora de políticas capazes de produzir estratégias no interior dos governos e da sociedade civil". Além disso, sua missão, seu *very heart* se expressa em "*dialogue, consensus, peer review and pressure*". O fato de trabalhar sistematicamente com análises, surveys e recomendações faz da OCED uma vitrine, referência exemplar. E sua profissão de fé na governança democrática e na economia de mercado definem as linhas narrativas que serão acompanhadas.

O seu principal documento, denominado *OECD Economic Outlook*, foi acompanhado entre 1992 e 2005, com destaque para o próprio ano de 1992 - publicado em dezembro - e os *Outlooks* de 1999 e dezembro de 2005, portanto o penúltimo da série^v Embora a OCED trabalhe contemporaneamente com grande número de países, este trabalho se concentra em seu discurso para a Europa, embora produza relatos por comparação, os quais se constituem contrapontos necessários para entender as recomendações à chamada área da moeda euro, introduzida no final da década passada.

A par dessa matéria, este trabalho se fundamenta nas teorias das estruturas narrativas, dos contos, relatos e mitos. Num tempo em que se supõe terem terminado as grandes narrativas iniciadas no Iluminismo do século XVIII, é indispensável que, no interior do processo de globalização, os investigadores das ciências humanas e sociais trabalhem as narrativas localizadas nas organizações locais, regionais e globais, pois é de se supor que possam nascer novos modos e sentidos de narrar, de conhecer e de interpretar a realidade. Visto que se centra na construção teórico-prática do caso, este trabalho busca as fronteiras das novas narrativas, lugar em que os casos se fazem mais ricos de sentidos, desafiando pois a ciência social aplicada a melhor aproveitar-se dele como veículo de conhecimento.

III. Primeira Diagnose - o *Economic Outlook* de 1992

Nesse ano a OCED afirma ser difícil prevenir o desemprego, visto que indicadores amadurecidos e trabalhos especializados indicam fraqueza econômica geral, exceção feita aos Estados Unidos da América. As empresas trabalham com a mão no freio, reduzindo custos em face das "buoyant asset-market conditions" da segunda metade dos anos 80. Observa-se restrição de investimentos e consumo cauteloso. Espera-se que o crescimento gire em torno de 2% no ano de 1993 e 3% em 1994. Observa-se o crescente ajustamento econômico. Estima-se um desemprego de 8,3% em toda a área coberta pela OCED, o que significa 34 milhões de pessoas da força de trabalho disponível. Como conseqüência, pode-se ocorrer que vários países cobertos pelas análises cheguem a taxas de desemprego além de um dígito. Além disso, deve-se entender que o desemprego é cíclico e de longo termo, o que pode causar erosão moral e dificuldade financeira para famílias e grupos sociais amplos. No entanto, a inflação continua em queda, o que se dá desde 1990. Se alcançar 2% em 1994 será a menor desde o longínquo 1960. De outra parte, observa-se grande crescimento na Ásia, sazonalidade na América Latina entre os que adotaram regras macroeconômicas estabilizadoras e políticas simétricas de longo prazo. Visto por este ângulo reformador, o declínio do Leste europeu pode chegar ao fim. Novamente vistos como um todo, os estados em que a inflação é baixa e o desemprego é alto costumam promover ajustes macroeconômicos a fim de garantir demanda de curto prazo. Isso pode ser feito, mas por pouco tempo, a fim de não comprometer o crescimento no médio prazo. Essas ações dependem de "careful consideration of a wide range of economic and financial indicators." Convém atentar para o perigo de distorções nas relações entre agregados da economia, preços e renda. Nessa linha de pensamento, a Europa é criticada, pois suas políticas domésticas buscaram manter preços fixos e taxas rígidas por um longo tempo, o que se torna impossível em razão do presente "exchange market turmoil." Um destaque é feito para a Alemanha, cujas atitudes contra a inflação doméstica coincidem com facilidades monetárias nos EUA, o que leva a fortalecimento de moedas européias contra o dólar e o yen, de que resulta a diminuição da competitividade. A atividade econômico-financeira cai e o desemprego aumenta.

A análise caminha para recomendações e conselhos, cuja tônica é: restabelecer a credibilidade das políticas monetária e fiscal. Acrescenta que é difícil usar política fiscal para a reativação econômico-financeira porque há déficit estrutural nos orçamentos da maioria dos Estados-membros. Convém obedecer aos projetos comuns estabelecidos pela UE sobre este ponto. Acresce que todas as atitudes no sentido de expandir temporariamente políticas fiscais

precisam garantir confiança junto aos mercados financeiros, isto é, comprometer-se perante eles no sentido de reduzir taxas de débito do GDP - Gross Domestic Product - ou PIB a níveis sustentáveis em médio prazo. Deste modo, no contexto da fraca recuperação verificada no ano de 1992, deve-se priorizar uma base de capital físico e humano com vistas ao crescimento futuro. Sair das políticas passivas de apoio aos desempregados para as ativas de geração de perspectivas de emprego. Outra forma viável: criar infraestrutura que garanta educação básica e treinamento para jovens e adultos. Aqui cita-se o exemplo da Nova Zelândia, cuja ação dirigiu-se à "valorização do dinheiro público" e produziu boas políticas econômicas e sociais.

Lembrar que em 1992 o desemprego alemão era de 7.6%, enquanto o japonês alcançava 2.1%, o americano 7.4% e o italiano 10.5%. Nesse ano o PIB dos EUA decrescera 4.7% e o do Japão avançara 1.3%, enquanto Itália chegava à diminuição de 11.1% e Alemanha batia 3.2% negativos. De modo geral a Europa tinha PIB negativo em 5,4% contra 3.8% de toda a OECD.

IV. Segunda Diagnose - o *Economic Outlook* de Dezembro de 2005

São citados novos membros: Islândia, Polônia, República Eslovaca e a OCED amplia suas análises para economias ao mesmo tempo emergentes e fortes, a saber: Brasil, Rússia e China, não membros, mas escolhidos pelo seu valor comparativo. A China merece um capítulo especial denominado *How big is China?* Surge também algo novo do ponto de vista editorial, um texto do economista-chefe Jean-Phillipe Cotis, que discute a robustez das economias e seus desafios. Os destaques vão no sentido de que o crescimento mundial avançou nos últimos meses desse ano. É forte na América do Norte, muito na Ásia, bem estabelecido no Japão e, no que toca à Europa Continental "recupera-se das últimas ondas de fraqueza". As razões são estas: juros baixos, depreciação do euro e bolha de exportação. No entanto, demanda doméstica ainda é baixa e há sinais de dinamismo e turbulência. Lembra-se dos EUA e seus desastres naturais, que também vão refletidos na questão da energia e aí vai embutido o problema do petróleo. Aliás, o preço deste ajuda a impedir o maior crescimento, especialmente da Europa. No entanto, a turbulência advinda dos preços do ouro negro não evita estabilidade de preços, inflação contida e demandas razoáveis. Por falar em Europa, o *overview* discute que trata-se de economia convalescente. Por isso, a despeito dos elementos positivos descritos (preços, crescimento americano-asiático e altas entradas dos exportadores) há riscos substanciais ("but the risks surrounding such a forecast are substantial") e eles se

definem como subida do preço do petróleo, piora dos balanços e abrupta mudança nos realinhamentos das taxas de juros. Se isso ocorrer, o desenvolvimento dependerá diretamente da capacidade de recuperação econômica dos países. Quem poderá fazê-lo?

Em 2005 há certas projeções. Supõe-se que os EUA cresçam 7% do seu PIB/GDP em 2007. China e Japão preparam superávits. A receita é uma só: "adjusting policies becomes increasingly pressing". A área do euro deve aproveitar a onda - pouca inflação e economia armada contra o relaxamento fiscal - e começar a reestruturar as finanças públicas. A redução do déficit europeu é indispensável para um tempo harmonioso, que não virá como dádiva e si esforço. Acima de tudo, manter o sistema de mercado aberto e as reformas decididas.

Seguem-se dados. O crescimento estimado do PIB para 2006 nos EUA é de 2,9%, superando pois os 2,7% de 2005. De seu lado, o Japão alcança 2,0%, pouco abaixo dos 2,4% do ano em análise e a área do euro estima o crescimento em 3,5%. A inflação da região do euro mantém-se nos 2,0%. A despeito disso, o comentário dirigido à Europa aponta que "intra-regional developments continue to exhibit strong diversity.", o que não soa como positivo. Os dados sobre o desemprego apontam queda: 5,1% nos EUA, 4,4% no Japão, 9,3% na Alemanha e 7,7% na Itália. Incrementa-se o emprego americano em 1,6%, respondendo a Alemanha por 0,2% de incremento e a Itália 1,1%. O caso italiano merece comentário no sentido de que há recuperação de quatro anos e meio de recessão na produção industrial, mas continuam os riscos do preço do petróleo e da erosão da competitividade no âmbito internacional. O sinal de alerta italiano está no déficit orçamentário de 4,3%.

O capítulo sobre o Brasil anota crescimento vigoroso em 2004, seguido de alguma queda em 2005 e inflação esperada de 4,5%. No entanto, a exportação robusta e a prudência no gerenciamento macroeconômico garantem balanço positivo, inflação controlada e pouco mais de 3,0% de crescimento de PIB real. Destaca a lei de falências e as parcerias público-privadas como importante passo para avançar no rumo de reformas estruturais. Não se esquece das turbulências políticas do ano, com destaque para a questão dos malefícios no financiamento de campanhas eleitorais e dos riscos do processo eleitoral, da demanda que altere níveis inflacionários e dos reajustamentos de mercado em direção a outras áreas geográficas mais atrativas.

VI. A autoridade do discurso canônico

A Europa tenta, desde os tratados da Comunidade Européia dos anos 50, construir a convergência entre mercado e sociedade. A chamada Europa do Povo tem sido, sob riscos, o esforço em trabalhar socialmente o Liberalismo. Daí as crises marcadas pela ação da esquerda e da direita. As quais ajudam a compreender a negação à Constituição na França e na Holanda, com apoio dos diversos contendores. O território de 450 milhões de pessoas e renda *per capita* de 24.000 dólares anuais (considerados os 25 países) é analisado pela OECD sob bases conhecidas do modo de produção social denominado Neo-Liberalismo, ao modo europeu. Trata-se, como sugere documento oficial do Conselho da União Européia de 21 de março de 2005, de pactuar o equilíbrio entre crescimento econômico e estabilidade de preços. Tal proposta deriva de uma premissa colocada no texto: a necessidade de criar empregos, implementar reformas estruturais e ampliar a coesão social. Daí que as políticas econômicas e orçamentárias precisam priorizar as reformas econômicas, a inovação, a competitividade e o fortalecimento de investimentos privados em fases de fraco crescimento. Tudo isso reflete orientações orçamentárias das nações e da União Européia e se dirige particularmente à reestruturação das rendas e despesas públicas, que exige a manutenção de uma disciplina orçamentária de acordo com o projeto de Constituição européia e do Pacto de Crescimento. Assim se colocam as idéias-força, em torno das quais vimos a elaboração insistente e coerente da OCED, que assessora esse processo. Diante desse cenário, os textos da OCED deixam suas marcas. Eles se estruturam em três paradigmas. O primeiro evidencia os pactos, tratados e acordos, cuja memória deve ser continuamente atualizada, como fonte de sustentação e equilíbrio. Trata-se, pois, do paradigma do discurso *harmônico-finalista*. O segundo paradigma destaca os sucessos, primordialmente econômicos e, tangencialmente, sociais, administrativos e políticos, mostrando contrapontos de risco e fracasso nas mesmas áreas. A este discurso pode-se dar o nome de paradigma do *bloco da prosperidade*. O terceiro paradigma pode denominar-se *governo avalizável pelo mercado*. Segundo ele, todas as experiências governamentais necessitam da chancela das forças do mercado, isto é, de sua confiança. A descrição das diagnoses encontrou sistematicamente o movimento dos três paradigmas, garantidores da autoridade a priori. O projeto de unidade européia produziu pactos, acordos e tratados, os quais devem ser sistematicamente obedecidos com vistas à sua sustentação. Decorre daí a narrativa de um conjunto de ações e procedimentos comprobatórios do primeiro paradigma e instituidores do segundo paradigma, o da prosperidade. Em alguns poucos momentos das diagnoses narra-se um conjunto de sucessos tido como variação dentro dos paradigmas. Por isso mesmo (vide o controle da inflação e o aumento da demanda de consumo) a narração o tem como fenômeno provisório, que os estados-membros podem

realizar no limite das obrigações que levam à harmonia e à prosperidade. O que se afirma taxativamente é que um tempo de crescimento não pode permitir relaxamento fiscal e adiamento das reformas e ajustes estruturais. Ao contrário, estes são a primazia. Ademais, quaisquer políticas fiscais devem ser aprovadas pelos agentes de mercado e, portanto, carece garantir confiança junto a eles, isto é, os governos devem se comprometer em reduzir taxas de débito do PIB em médio prazo.

Os paradigmas da memória harmônica, do bloco da prosperidade e do governo avalizável pelo mercado comportam o contraditório circunstancial, mas jamais a dialética entre o pensado e o vivido, a proposta e sua gestão concreta na vida das pessoas e instituições. Trata-se de um bloco semântico fechado que organiza toda a expressão sintagmática dos diagnósticos anuais da OCED. Não cabe aí um diálogo sobre variantes e alternativas aos temas abordados, bem como descobertas localizadas capazes de alterar o rumo das decisões tomadas, ou contribuições inesperadas de segmentos dos estados-membros que recolocam aspectos da dinâmica social vivida. Não são as fórmulas que têm de mudar e sim o processo político dos países, talvez o destino de todo o seu povo. Também não cabem discussões mais amplas sobre políticas sociais, capazes de fazer ver a economia da cultura, da saúde, da educação. Nos Economic Outlook não cabem tais discursos. Quando são feitos, em separado, tais estudos também apontam para mudanças previdenciárias e de regulação do sistema de saúde (como ocorreu neste mês de fevereiro de 2007 na Alemanha) a fim de se alcançar os objetivos econômicos colimados nos acordos intergovernamentais europeus. Muito menos são citados economistas que contradigam as fórmulas historicamente atualizadas.

Portanto, os sintagmas, que são os blocos textuais que compõem as diagnoses da OCDE, não têm nenhuma autonomia para compor os paradigmas. Daí a ruptura entre a economia e a gestão dos bens sociais, que deveriam ser um corpo único na condução da União Européia. Todas as referências à doença (ou convalescença) da Europa, seus desvios de conduta, sua incapacidade de reformar a favor da economia de mercado, seus vícios e sua ineficiência burocrática são da ordem administrativa, portanto domínio da gestão dos bens, problema de governos talvez incompetentes. Ao contrário, o fenômeno econômico atualiza paradigmas para consertar o administrativo e reverter os males. De fato, negam-se as mediações próprias do fazer administrativo. O econômico é a totalidade; a gestão dos bens sociais é um coadjuvante precário. Por isso, fica fora de questão o movimento social que pressiona continuamente os governos e o sistema empresarial para escapar dos cânones econômicos, especialmente o sindicalismo. Também não tem lugar a discussão de outras formas de equilíbrio monetário e fiscal, por exemplo a partir do valor agregado na gestão de

políticas sociais, como proposto pelo Nobel de Economia Amartya Sen. Idem os conflitos - característicos da gestão - relativos à diversidade cultural (no tempo e no espaço) dos agrupamentos, regiões, países. Noutras palavras, o discurso canônico da OCED não admite as mediações vividas no processo de gestão público-privada, nem mesmo quando a origem de todo esse projeto europeu é política, é um apelo humanizante diante das insuportáveis desumanidades vividas pelo Continente entre 1914 e 1945. Longe disso, os paradigmas estão canonizados num corpo virtual e dali são destilados gota a gota, construindo sintagmas-fórmulas capazes de intervir na vida social dos estados para atualizar os paradigmas. De algum modo, pois, o discurso econômico da OCED torna-se autônomo da própria centralidade política a que serve e essa autonomização tem as características de um caso dominado por um projeto ideológico que caminha para o mito, a partir de sua estrutura de contos de fadas.

VII. O cânon mitificado e suspeito

O caso das análises da OCED em relação à União Européia se organiza como ficção. O que é politicamente lamentável ganha, no entanto, valor teórico para se pensar os paradoxos da internacionalização sócio-econômica. Lamentável porque a canonicidade do econômico provoca rupturas crescentes no mundo do trabalho, na memória do bem-estar social, na relação com o processo migratório e na capacidade de diálogo das culturas díspares. Esse cânon econômico paralisa os governos ou sugere um jogo de empurra quando, por exemplo, nos debates do Fórum Econômico de Davos, eles são incapazes de tomar qualquer decisão a favor do próprio clima da Terra e seus perigos, visto que isso pode significar o abandono de fórmulas e o risco de quebra de estruturas econômicas internacionais já comprometidas. Claro que o suposto consenso imposto está ganhando mais protestos de rua e dissenso entre governos. Provavelmente será impossível evitar a crítica aos fundamentos do consenso. Utilíssimo porque permite ver fronteiras mutantes entre saber e poder, ou de como a demarcação dos campos do saber, na dinâmica social contemporânea, exige novas linguagens, não bastando nem de longe o arcabouço político herdado no privilégio de um campo sobre o outro. Blocos estabelecidos de sentido - paradigmas - que usam sintagmas - frases e períodos descritivos ou explicativos - de modo canônico, doutrinário e assim determinam todo um processo social não compõem folgadoamente o campo das ciências, que prefere o movimento qualificado entre indução e dedução. A rigor, os sintagmas que expressam a realidade trabalhada é que constituem os blocos paradigmáticos, que vão se alimentar de novos

sintagmas... Todo o estudo da linguagem e das línguas tem aí o seu fundamento, que também o é para as ciências humanas e sociais. Vide a reflexão de Roman Jakobson e Noam Chomsky.^{vi} O cânone dos sintagmas virtuais, totalizantes, apriorísticos sugere, ao contrário, um *topos* diverso, com algo de revelação, de religioso. A totalidade econômica erigida rouba parte do discurso contemporâneo, que poderia introduzir mediações, o que leva as fórmulas da OCED ao encontro do mito trabalhado por Roland Barthes, op.cit. O que deveria ser assessoria, vira determinação. O que se apresenta como estudo e aconselhamento se transforma em totalidade a ser seguida. O que poderia ser um conjunto de dados para tomada de decisões de fato se faz rito essencial.

Ao negar a vida política, ao ritualizar-se, ao fazer-se totalidade em si, o caso-mito da OCED se nega como ciência, Dado fundamental: a OCED não consegue provar que pelo caminho imposto trará o bem estar às nações. Mas continua a fazê-lo, dados os interesses mercadológicos e privatistas em jogo. Nega-se como ciência, embora se apresente plenamente como saber científico. A sua ficcionalidade faz a mediação entre história e mito. Quem melhor faz essa mediação são os contos tradicionais da memória ancestral. Basta acompanhar aqueles paradigmas-fórmulas da OCED para vê-los responder à lógica dos contos ancestrais. Neles há uma *memória meritória*, que pode *degradar-se* no relacionamento entre pessoas e instituições. A memória de mérito atua para *remediar*, admoestar, lembrar. Quando há *recuperação*, produz-se *recompensa*, cria-se sucesso. Quando não, o *castigo*, a punição.^{vii} Os três paradigmas que este trabalho encontra no caso da OCED (discurso harmônico-finalista, bloco da prosperidade e governo avalizável pelo mercado) compõem os sintagmas narrativos e descritivos da realidade vivida por atores diversos. Atualizada a memória em face de vícios, desgovernos e defeitos estruturais, pode-se prover a recuperação da harmonia por meio das doutrinas liberais de plantão. Para tanto, o cânon é, reiteradamente, o mesmo. Caso contrário, normas e regras devem ser impostas. E o são, para sofrimento de amplos setores da população, como também na estrutura de motivos dos contos e casos. Sistemáticamente, os vilões principais das sociedades nacionais são os trabalhadores, cujos poucos benefícios históricos vão caindo como peças de dominó. São culpados de sua própria condição social. De todo modo, para a recuperação ou para a punição cabe avalizar os governos por segmentos privilegiados de atores sociais. Para essa narrativa mítica, o governo é a face visível do povo, que em si mesmo não comporta um rosto. Governos são atores da história que se situam na fronteira de recuperação e fracasso. Visto que não se auto-explicam, devem ser avalizados, pois o contrário significa sua desqualificação. No mundo dos contos ancestrais, reis, pais, madrastas, seres alienígenas, gestores diversos desempenham tais papéis de administração do

vivido. Eles são os representantes de um possível povo, sempre ausente, opaco. Mas as negociações de representantes têm conseqüências profundas em sua vida cotidiana, que inclui o desterro, o inferno, a fome sistemática etc. Outro componente da estrutura narrativa mítica é a generalização. Nos textos da OCED vezeiro se cita a Europa como doente e/ou convalescente. Interessante é que essa doença está associada precisamente a certas concessões ao estado de bem estar social duramente conquistado. O bem estar das maiorias é doença. Portanto, demonstra-se aqui um encontro de três sistemas semióticos: a comunicação econômica intergovernamental da OCED, a narrativa memorial de casos e exemplos que se firmaram como contos maravilhosos ou dramáticos e a estrutura do mito, como modo de organização do discurso. Vê-se o cruzamento de sentidos. Tem-se um discurso formulador que não aceita mediações e, portanto, não se altera, rejeitando uma totalidade real e afirmando-se como totalidade em si mesma. O significante neoliberalismo é o significado que interessa, que porta os sentidos do destino do mundo contemporâneo. Nessa altura, já temos o mito em ação, porque as fórmulas são uma totalidade não mais questionada. De outro lado, essas fórmulas não querem mais mudar o real, visto que já encontraram a realidade, a qual deve expandir-se para tudo e todos, ser tudo. BARTHES afirmou que o mito é, naturalmente, imperativo. Impera com naturalidade.^{viii} Essas fórmulas buscam ser, pois, naturalmente, a verdade. Quem ajuda a garantir essa fórmula é uma outra estrutura, não mítica em si mesma, mas cujas linhas narrativas fazem compreender melhor o mito, que é o conto ancestral, especialmente o tipo dramático ou maravilhoso. Os mitos penetram nas fórmulas narrativas dos contos, usam sua linguagem porque eles têm autoridade memorial, antiguidade, força de persuasão e, ademais, também compõem parte significativa das estruturas midiáticas: novelas, filmes, shows.

Conclusão

A estrutura de contos de fadas, indutora do mito dos *Economic Outlooks* da OCED não desmerece a autoridade da assessoria intergovernamental. Essa estrutura narrativa, ao contrário, aumenta a consistência do discurso e faz da OCED um lugar de proposições econômicas exemplares. Tanto os discursos bíblicos vétero-testamentários sobre equilíbrio, cuidado, punições e admoestações quanto incontáveis narrativas similares à estrutura fabular de Chapeuzinho Vermelho, da Gata Borracheira, Os Sete Corvos ou o Ganso de Ouro compartilham certas estruturas canônicas da Economia, conforme aqui relatado. A Psicologia e a Psicanálise já ensinaram que os lobos, as fadas, os ogros e os justiceiros habitam fora, a

sociedade, e dentro de nós, compondo nosso imaginário e mesmo certos espaços da objetividade narrativa e das nossas relações sociais. Evidentemente, o reforço do imaginário é diametralmente oposto à construção objetiva do texto científico, pois este deve compor o imaginário dos leitores e espectadores não parecendo fazê-lo, visto que o imaginário costuma ficar fora dos cânones científicos, permanecendo, pois, no domínio das gentes. A análise dos textos da ilustre organização global revela uma exemplaridade canônica, construção estrutural de sintagmas e paradigmas. No entanto, aí reside o maior problema. O cânone econômico nega as mediações das gestões públicas e privadas. Nos seus encontros e desencontros com os grupos e instituições sociais, revelam-se as fundas rupturas entre o real e o ideal, o discursivo e o vivido. Uma coisa é a elaboração canônica como força religiosa, ou a construção fabular como valor do imaginário e centralidade para a construção de identidades pessoais, familiares e grupais. Outra é a constituição do político travestido de canonicidade, de doutrina exemplar. Ademais, a motivação estrutural de fábula, mesmo de mito, não esconde o projeto polêmico, de acordos elaborados por cima e por vezes carentes de novos e difíceis referendos populares. Pelas brechas da polêmica, no interior das contradições vividas pelas gestões, com a consciência da distância entre o texto exemplar e o trabalho assalariado continuamente precarizado, ou o sistema público de educação medíocre, aí se organiza a negação das exemplaridades, dos consensos, do paradigma exigente de obediência. Quando esse processo se desdobra e repercute, o cânone se desfaz integralmente, visto que não há ajustes em cânone. Exige-se, pois, uma re-fundamentação de valores e uma extraordinária mudança lingüística a fim de que o processo anterior seja visto sob outros olhares, com outras faces. Precisamente é o que se dá hoje, por enquanto na Europa, por obra da tentativa de novo consenso em torno da denominada Constituição européia, já negada em votações públicas na França e na Holanda. E por que foi negada? Precisamente porque se apresentou como corpo doutrinário, de organização estrutural quando de fato é um corpo político polêmico e que provoca suspeita diante de outra memória, a dos bens adquiridos que se põe em xeque. Porque se apresenta como corolário de uma idéia genial de integração e, de fato, termina mexendo no bolso das pessoas sem maiores explicações. A mobilização pessoal e coletiva, como lembra Barthes, pode ser o ponto de partida para a desmontagem dos mitos. Até os da Economia. Novamente aqui a centralidade da comunicação, mas em outra chave.

Bibliografia

- AARNE, Antti & THOMPSON, Stith. **The types of folktale**. Helsinki:, Folklor Felows Communications, 184, 1961
- BARTHES, Roland. " Introduction à l'analyse structurale des récits" In **Communications**, n.8, 1966.
- _____ **Mitologias**. São Paulo:Difusão Européia do Livro, 1972.
- CASTREE, Noel et al. (orgs.) **Spaces of Work, global Capitalism and Geographies of Labour**. London: Sage Publications, 2004
- CHABROL, Claude (apres.) **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHOMSKY, Noam. **El Lenguaje y el Entendimiento**. Barcelona: Seix Barral, 1973.
- DUNDES, A. " The Morphology of North American Indian Folktales". In **Communications**, Helsinki: Folklor Felows Communications, vol.18, n.195, 1962.
- GENETTE, G. **Figures**. Paris: Éd. du Seuil, 1966.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- KANTER, Rosabeth Moss. "Sucesso local na economia global"; In **Harvard Business Review**, vol.81, número 8, agosto 2003.
- OECD . **Economic Outlook**. Organization for Economic Co-operation and Development, 1992, 1999 e 2005.
- PLATONE. **II Simposio**. Venezia: Edizioni Marsiglio, 1992.
- PROPP, Vladimir. **Las raices historicas del cuento**. Madrid, Editorial Fundamentos, s.d.
- VIANNA, Hélio. **História Administrativa e Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d.

Notas ao texto

ⁱ Vide, entre outros, textos de BARTHES, R., BREMOND, C. e GREIMAS, A.J. in **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977. Assim também GENETTE, G. **Figures**. Paris: Éd. du Seuil, 1966. PROPP, Vladimir. **Las raices historicas del cuento**. Madrid, Editorial Fundamentos, s.d.

ⁱⁱ DUNDES, A. " The Morphology of North American Indian Folktales". In **Communications**, Helsinki: Folklor Felows Communications, vol.18, n.195, 1962. AARNE, Antti & THOMPSON, Stith. **The types of folktale**. Helsinki:, Folklor Felows Communications, 184, 1961.

ⁱⁱⁱ O **Simpósio**, de Platão, tem início como um caso, visto que alguém aborda na rua um dos participantes dos diálogos socráticos e lhe pede que conte um caso, pois soubera de algo que não lhe era claro. " Raccontameli tu, dunque; che non c'è nessuno a cui si possa ricorrere con piu ragione che a te..." Texto bilingüe greco-italiano de **II Simposio**. Venezia: Edizioni Marsiglio, 1992, p.9. Entre as antigas histórias da Administração brasileira, pode-se citar a de VIANNA, Hélio. **História Administrativa e Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d. A obra dedica 60 páginas à história do que supõe ser Administração no Brasil e 250 à Economia. Quando narra, o caso ganha rapidamente a condição de mito: " A partir de 1849 passou o Segundo Reinado a gozar de um largo período de paz interna, que durou quarenta anos, até a Proclamação da República. Aproveitando-o, grandes reformas foram realizadas, em todos os setores administrativos, de modo a permitir o progresso geral do Império" Sobre a escravidão, seu discurso fundamental versa sobre a permanência dos escravos nas fazendas sob pagamento regular pelos serviços prestados. Textos contemporâneos sobre gestão público-privada e de terceiro setor têm nos casos amostra concreta de *best practices* e banco de dados rico de

experiências, indispensáveis para a crítica acadêmica. Vide os *Cadernos de Gestão Pública e Cidadania, da FGV*. Algumas análises correm o risco da exemplaridade-receituária, salvando-se exclusivamente pelo caminho teórico, que abre aos estudantes o direito de pesquisa e descoberta pessoal. Aqui pode-se citar KANTER, Rosabeth Moss. "Sucesso local na economia global"; In **Harvard Business Review**, vol.81, número 8, agosto 2003, pp.97-105. Os estudiosos de comunicação e cultura nas organizações buscam na arte casos para o debate, como o excelente filme **Mauá, o Imperador e o Rei**, para pensar a gestão público-privada e outra obra do cinema contemporâneo, Jerry Maguire, a grande virada. No primeiro, as vicissitudes da gestão pública de pé-quebrado que sempre tivemos no Brasil e no segundo um símbolo do capitalismo à americana, tema recorrente desde o trabalho genial de Chaplin. Interessante que uma obra de referência para trabalhar a situação do trabalho no mundo, **Spaces of Work, global Capitalism and Geographies of Labour**, organizada por Castree, Noel et al, Sage Publications, 2004, inicia-se por 5 casos de trabalhadores espalhados pelos 4 cantos do mundo, inclusive no Brasil, construindo-se com o devido rigor científico a partir das narrativas. Tinha razão Octavio Ianni que, ao pronunciar a sua última aula magna, nas Ciências Sociais na USP, 2004, afirmou que as narrativas produzem a convergência contemporânea entre ciências e artes.

^{iv} O Tratado de Maastrich foi assinado em 7 de fevereiro de 1992 e, a partir do acúmulo que vem desde o Tratado de Roma em 1957, coloca os fundamentos da União Européia: moeda, movimento de capitais, comportamentos econômicos multilaterais, etapas e exigências para integração e inserção de países na UE. A OECD, instituição assessora da União Européia, mostra seu poder na própria apresentação de sua página eletrônica: " The OECD groups 30 member countries sharing a commitment to democratic government and the market economy. With active relationships with some 70 others countries, NGOs and civil society, it has a global reach. The OECD plays a prominent role in fostering good governance in the public service and in corporate activity. It helps governments to ensure the responsiveness of key economic areas with sectoral monitoring. By deciphering emerging issues and identifying policies that work, it helps policy-makers adopt strategic orientations. It is well know for its individual country surveys and reviews. Dialogue, consensus, peer review and pressure are at the very heart of OECD. Its governing body, the Council, is made up of representatives of member countries. It provides guidance on the work of OECD committees and decides on the annual budget. It is headed by Angel Gurría, who took up the post of Secretary-General on 1 June 2006. A antiga instituição de cooperação européia, que mediou a aplicação do Plano Marshall na reconstrução do velho continente pós segunda guerra mundial, reformou-se em 1961 e ampliou suas relações e seu poder.

^v OECD . Economic Outlook. Publicado simultaneamente em vários centros dos estados-membros da OECD, Organization for Economic Co-operation and Development. Os textos aqui trabalhados foram publicados nos finais dos anos de 1992, 1999 e 2005.

^{vi} JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

CHOMSKY, Noam. **El Lenguaje y el Entendimiento**. Barcelona: Seix Barral, 1973

^{vii} Ver a propósito BARTHES, Roland. " Introduction à l'analyse structurale des récits" In **Communications**, n.8, 1966; CHABROL, Claude (apres.) **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix, 1977. Vários textos são úteis para pensar o escopo trabalhado.

^{viii} **Mitologias**. São Paulo:Difusão Européia do Livro, 1972.